

A VIOLÊNCIA NA ESCOLA. E A FAMÍLIA? UM ESTUDO DE CASO E BIBLIOGRÁFICO

Jeane Silveira Santos da Silva¹
Maria das Dores Alves do Nascimento Almeida¹
Maria de Fátima de Moura Duarte¹
Maria do Socorro Holanda Diógenes¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo fornecer elementos práticos e teóricos que contribuam para a reflexão da temática da violência presente no contexto escolar e como essas relações acontecem. Buscamos analisar como a escola tem enfrentado atos de violência cometidos por alunos contra professores e vice-versa e, ainda, como a família pode contribuir na diminuição ou aumento deste fator tão agravante para o espaço escolar. Dessa forma realizamos um estudo de caso em duas Escolas, sendo uma municipal e outra estadual, onde a grande maioria dos alunos são oriundos de bairros periféricos, tendo como principal objeto de estudo a aplicação de questionários por amostragens de alunos, pais, funcionários e gestão escolar. E para fundamentação teórica baseamos nas seguintes fontes: livros e artigos publicados no Google acadêmico relacionados à violência na escola e na família como espaço de construção da cidadania. Quanto aos livros, este baseou-se na produção dos seguintes autores: Abramovay (2003/2005); Cortella (2009); Cury (2003); Michaelis (2008); Pereira (2000); e Chrispino (2002) Elis.Palma Priotto (2008). Constatamos, através das leituras propostas pelos autores acima citados, a necessidade urgente de discutirmos com toda comunidade escolar ações que venham de encontro ao combate da violência presente no cotidiano das escolas.

Palavras-chave: Violência, Escola. Família e Docentes

¹ Mestranda em Ciência da Educação pelo Instituto Superior de Educação – CECAP(ISCECAP), jeanness@hotmail.com

¹ Mestranda em Ciência da Educação pelo Instituto Superior de Educação – CECAP(ISCECAP), mariaalvespdf@hotmail.com

¹ Mestranda em Ciência da Educação pelo Instituto Superior de Educação – CECAP (ISCECAP), m-fatima-duarte@bol.com.br

¹ Mestranda em Ciência da Educação pelo Instituto Superior de Educação – CECAP(ISCECAP), socorrorgv@gmail.com

ABSTRACT

This article aims to provide practical and theoretical elements that contribute to the reflection on the theme of violence present in the school context and how these relationships happen. We seek to analyze how the school has faced acts of violence committed by students against teachers and vice versa, and also how the family can contribute to the decrease or increase of

this aggravating factor for the school space. Thus we conducted a case study in two schools, one municipal and one state, where the vast majority of students come from peripheral neighborhoods, having as main object of study the application of questionnaires by sampling students, parents, staff and management school. And for theoretical foundation we based on the following sources: books and articles published in Google academic related to violence in school and family as a space for building citizenship. As for books, it was based on the production of the following authors: Abramovay (2003/2005); Cortella (2009); Cury (2003); Michaelis (2008); Pereira (2000); and Chrispino (2002) Elis.Palma Priotto (2008). We verified, through the readings proposed by the authors mentioned above, the urgent need to discuss with the whole school community actions that come against the violence present in the daily life of schools.

Keywords: Violence, School. Family and Teachers

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho, aborda os diferentes significados do fenômeno da violência e como este acontece no espaço escolar. Essas situações de violência têm sido acompanhadas em paralelo com a exposição na mídia dos fenômenos da indisciplina, dando a ideia que ambas afluem de origem comum e constituem ameaça grave que precisa ser contida.

Podemos considerar que a violência tem decorrências históricas e sociais. Para tanto, não podemos atrelar a violência nas escolas a um único fator, pois envolve tanto o espaço social onde a escola está inserida quanto a situação familiar dos alunos, assim como a atitude do poder público para com a educação, entre outros fatores (Priotto, 2008)

Muitos pais acabam delegando para a escola uma responsabilidade que é sua, atribuindo à escola todo papel de educar seus filhos, o que acaba sendo um erro, pois a família é a base da educação, é onde se aprende o que é ser ético, respeitar as diferenças, os limites e portanto, viver em sociedade.

Segundo Priotto (2008) e Lindomar Wessler Boneti (2008), a violência escolar é determinada por todos os atos ou ações de violência, comportamentos agressivos e antissociais, incluindo também conflitos interpessoais (seja entre alunos, alunos e professores ou até entre professores), danos ao patrimônio escolar, atos criminosos, marginalizações, discriminações, bem como outras lesões praticadas entre a comunidade escolar (alunos, professores, funcionários, familiares e estranhos à escola) dentro do ambiente da escola.

Com a finalidade de contextualizar melhor esta temática, realizamos aplicação de questionários por amostragem, envolvendo alunos, pais, funcionários e gestão, seguidos de discussões de como a violência na escola se expressa nas relações entre alunos e professores,

e qual o papel da família, e sua importância no enfrentamento da violência no espaço escolar, espaço esse de socialização da cultura e cidadania.

2 METODOLOGIA

O estudo foi realizado em uma escola municipal e outra estadual na localidade, Zona Urbana de município de Pau dos Ferros. Organizados pelos pós-graduandos e envolveu parte dos educandos 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental. O trabalho aborda o tema: **A violência na escola. E a família?** como forma de mostrar a toda comunidade escolar as principais consequências dessa temática e despertar em todos a importância de se viver em um ambiente tranquilo e harmonioso para que haja uma maior aprendizagem possibilitando também que os educandos contribuam com a redução desse problema. Sendo uma das principais etapas do trabalho estão a aplicação de questionários e discursão sobre a temática.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 VIOLÊNCIA ESCOLAR: DEFINIÇÕES E APONTAMENTOS

O termo violência possui origem na palavra latina violentia, significando força. Segundo o Dicionário Prático Michaelis de Língua Portuguesa, violência é “a ação ou efeito de violentar, empregar força física (contra alguém ou algo) ou intimidação moral contra (alguém), ato violento, crueldade, força”. (MICHAELIS, 2008, p. 916).

Com base nesta definição podemos concluir que a violência se faz presente nos mais diversos contextos sociais e ainda pode trazer consequências graves para todos os envolvidos, tornando-os vulneráveis a diversos tipos de violência, dentre elas a violência física sexual, doméstica, psicológica e outras.

A Organização Mundial de Saúde (2002, p 1.165) define violência como:

[...]o uso intencional de força física ou poder, sob a forma de ameaça ou real, contra si mesmo, contra outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade, que resulta ou tem uma grande chance de resultar em lesão, morte, dano psicológico, alterações no desenvolvimento ou privações.

No entanto, existe uma pluralidade de conceitos e de significados sobre o termo violência, por isso se torna difícil definir um conceito único para o referido termo. Isso faz com que falar sobre violência hoje seja, sem dúvida, algo cuja dificuldade maior está em

definir de forma completa um termo que, de acordo com a noção adotada, compreende coisas muito diferentes.

No contexto atual, as comunidades convivem com os mais diversos tipos de violência, e que elas mudam conforme as características sociais, culturais e ainda podemos considerar o tempo e os lugares onde esses atos são praticados.

Parafraseando Pereira e Willians (2010), a configuração dos atos violentos é outro aspecto importante para ser discutido em relação à definição de violência escolar. Os atos violentos são únicos em si, pois cada um tem uma configuração em relação aos envolvidos, duração, motivos, espaço geográfico ocorrido, características das ações violentas, data e horário de ocorrência e desfecho.

A questão da violência nas escolas hoje é uma temática que torna a aparecer, sendo exposta pela mídia e através dela por seus próprios agentes no ambiente escolar. No entanto, em uma época anterior, a violência na escola tinha diferentes faces: no tratamento dos professores com os seus alunos ou nas ruins relações entre os próprios alunos nos estabelecimentos de ensino.

Para esclarecer mais sobre a violência escolar, vale a citação de Priotto, Boneti (2009, p. 162).

São todos os atos ou ações de violência, comportamentos agressivos e antissociais, incluindo conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, marginalizações, discriminações, dentre outros praticados por, e entre a comunidade escolar (alunos, professores, funcionários, familiares e estranhos à escola) no ambiente escolar.

Ultimamente, a violência se integra a diferentes práticas sociais que se fazem presentes no cotidiano do ser humano, que se manifestam por meio de pensamentos e/ou de ações e resultam em sentimento de insegurança.

Para Nunes e Abramovay (2003) alguns aspectos são relevantes no auxílio para a definição e explicação da violência escolar: questões de gênero (masculinidade e feminilidade); questões sobre relações raciais e de etnias (racismo e xenofobia); situações familiares (características sociais das famílias); influência dos meios de comunicação (rádio, TV, revistas, jornais etc.); o espaço social das escolas (o bairro, a sociedade); a idade e a série ou nível de escolaridade dos estudantes; as regras e a disciplina dos projetos pedagógicos das

escolas, assim como o impacto do sistema de punições; o comportamento dos professores em relação aos alunos e à prática educacional em geral, etc.

Na escola, a violência cotidiana aparece no desrespeito ao outro, na transgressão aos códigos de boas maneiras e à ordem estabelecida. A falta de limites associada ao desprezo pelos outros contribui para que os jovens e adolescentes busquem se impor pela força e pela agressão. Já a violência à escola está “ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam”. Ou seja, violências que visam diretamente à instituição escolar e aqueles que a representam.

Para Abramovay (2003) e Priotto (2008) a violência escolar pode se expressar através dos seguintes eventos: na violência física, na agressão física, na violência simbólica e na violência verbal.

Ainda de acordo com os autores supracitados, são apontadas como causas da violência famílias em situação de vulnerabilidade e risco social, violência intrafamiliar, alcoolismo, tóxico, dependência, detenção prisional, pais que se apresentam muitas vezes omissos, ou seja, ausentes dos problemas escolares dos filhos, não incentivando os estudos, não impondo limites, transferindo para a escola a responsabilidade da família. Todo esse cenário contribui para que os indivíduos que vivem estes problemas familiares sejam sujeitos e alvos de violência.

A desigualdade social é outro fator preponderante no desencadeamento da violência escolar. Os problemas causados pela desigualdade social, tais como a miséria, a fome, o estresse causado pelo desemprego, a falta de condições dignas de sobrevivência, a falta de acesso a bens como saúde e educação têm sido frequentemente relacionados à violência.

Também outro causador importante é a influência da mídia (rádio, TV, revistas, jornais, internet, cinema, games, etc.). Através dela há a divulgação de culturas e ideias que contribuem significativamente para a propagação das violências. Não há como ignorar o fato de que a mídia é uma forte formadora de opiniões e que as ideias e concepções por ela transmitidas aos jovens interferem em seus comportamentos em sociedade. Não que ela seja a grande vilã da história, porém entende-se que há uma significativa necessidade de cuidar do que através dela está sendo veiculado.

Por esta razão, pensou-se ser interessante destacar algumas questões relacionadas à escola e à família como espaço de socialização da cultura e da cidadania, que serão apresentadas no tópico a seguir.

2.2 FAMÍLIA E ESCOLA: UMA PARCERIA NO COMBATE A VIOLENCIA ESCOLAR.

A instituição familiar tem passado por grandes transformações desde o início do século XIX até os dias atuais. Essas mudanças repercutem fortemente na vida familiar, desde o modelo de formação até o provedor do sustento, entre outros aspectos.

Nos dias atuais existem famílias de pais separados, chefiadas por mulheres, chefiadas por homens sem a companheira, a homossexual, e ainda a nuclear que seria a formação familiar do início dos tempos formada de pai, mãe e filhos, mas não seguindo os padrões antiquados de antigamente.

Desta forma podemos afirmar que apesar de todas as mudanças que aconteceram ao longo de todos esses anos na instituição família, o fato de ela não se basear mais no casamento típico e religioso é a mais marcante delas, pois hoje em dia até o Código Civil já fez mudanças em relação a união dos casais, entre outras mudanças. (SILVA, 2008).

Diante deste contexto, a família enquanto um espaço de socialização e de construção das subjetividades é a base para a formação da personalidade. Entretanto, não se pode deixar de destacar que desde o nascimento o sujeito recebe inúmeros estímulos em variados ambientes e são essas influências que ajudam na formação do caráter e da personalidade.

Muitas das sementes da violência na escola começam em casa com a falta de autoridade e consequente falha de regras, a ausência ou esbatimento dos modelos de comportamento dos pais e também pelo abandono, abuso e frustrações de que são vítimas. A família é sempre parte da solução do problema da violência escolar.

A família é importante na prevenção da violência na vida das crianças por ser a principal referência da criança no desenvolvimento de seu comportamento, sendo encarregada de transmitir aos filhos as primeiras noções de ética e respeito para o melhor convívio com o grupo. (CURY, p. 62 2003).

Atualmente é possível observar que há uma divergência no tocante à participação dos pais, que, na maioria das vezes, deixam de assumir o seu papel, a sua função dentro da família, que é educar os filhos, com afeto e colocando limites. A ausência de regras e de responsabilidades impossibilita o exercício da liderança, o que dificulta a educação para a vida e para a sociedade.

Segundo Cortella (2009), as crianças nos dias atuais não têm muito contato com os adultos da família devido aos mesmos estarem trabalhando e não terem tempo para conversar com os filhos ou por simples desinteresse. Isso gera uma situação de extremos: ora apresentam comportamentos excessivamente agressivos com os filhos, ora excessivamente condescendentes com eles, tentando sanar a culpa da ausência na vida do filho. Porém, a condescendência é tão danosa quanto à ausência ou a indiferença, pois esse fator muitas vezes leva à falta de autoridade dos pais e conseqüentes atitudes de violência até contra eles mesmos.

A família deve proporcionar a base com a segurança necessária para que a criança cresça em um ambiente saudável. Os adultos precisam ter consciência da sua importante participação e cooperação no desenvolvimento da criança como cidadão. Pais, professores e sociedade são os principais atores para a concepção de um ambiente verdadeiramente democrático, que cultive a paz e o respeito ao próximo e às diversidades.

Evidencia-se a urgente necessidade de se promover discussões a respeito do assunto, propostas estas que vem sendo defendidas por profissionais que lidam diretamente com esses tipos de violências: educadores, psicólogos, conselheiros tutelares, juristas, promotores, entre outros. É diante desse contexto que no tópico a seguir será abordada a violência na escola praticada contra os professores.

2.3 A VIOLÊNCIA NA ESCOLA E OS SEUS PRINCIPAIS ATORES

A escola tornou-se uma escola de massa, que passou a abrigar alunos diferentes, com inúmeras divergências. Habituada a lidar com iguais, a escola não se preparou para essa diversidade dos alunos. Por isso, surgem antagonismos que se transformam em conflitos e que podem chegar aos extremos da violência. Chrispino (2004, p. 45).

Percebe-se que a partir dos anos 2000, além da violência contra o patrimônio e nas relações entre alunos, outro tipo de violência vem se manifestando significativamente: a violência contra o docente por parte do aluno e de pais de alunos. É diante desse contexto que abordaremos a violência no espaço escolar.

A violência contra professores se caracteriza como um fenômeno mundial, e tem sido alvo de estudos em diferentes países. Isso demonstra que esta classe tem estado vulnerável aos diferentes tipos de violências que podem ocorrer de várias formas: física, emocional, intelectual, financeira e psicológica.

No Brasil, a violência escolar contra professores vem recebendo maior atenção por parte de estudiosos, universidades e alguns movimentos sociais, mesmo que ainda sem grandes repercussões. Em decorrência, os estudos relacionados a este tipo de violência ainda são bastante incipientes, mesmo que algumas mudanças tenham se desenvolvido ao longo dos anos.

Desse modo, observa-se que a violência dos alunos contra os professores no cotidiano escolar, por meio das ameaças diretas e/ou indiretas tem também, além do contexto familiar e social em que estão inseridos, a dificuldade dos mesmos em respeitar as regras da escola e/ou a autoridade do professor.

As agressões físicas e/ou verbais e as ameaças de alunos contra professores são evidências observadas pelo sofrimento do profissional da educação, que se torna vítima da desvalorização da sociedade e da própria família, que cada vez mais encarrega à escola funções educativas que são de sua responsabilidade.

Para Abramovay (2005, p. 106), "a falta de respeito, a indiferença à presença do professor e a desconsideração pelo poder dos docentes na escola são pontos de tensão no relacionamento entre alunos e professores".

O professor ao se expor com a violência dos alunos, conseqüentemente, se sente inseguro e com medo, e isso prejudica e causa um aspecto negativo no seu desempenho enquanto docente e, também em relação ao aprendizado dos alunos. É necessário que os professores, diretores, coordenadores pedagógicos e os próprios pais, acreditem no aluno como um forte potencial, mesmo ele apresentando dificuldades/frustrações e em alguns momentos agindo com violência. De acordo com Almeida apud Cortez (2012, p.24), o ponto principal na solução dos problemas ligados a violência nas escolas é o papel do gestor:

A chave para a solução da violência pode ser o gestor. Sem ele, nada se faz. Mas ele sozinho não faz quase nada. Ao lidar com a situação, esse profissional convive com diferentes interpretações. Uma delas é a do senso comum, alimentado pela imprensa. De modo geral, os meios de comunicação pouco levam à reflexão.

Vale salientar que a violência é um problema que afeta todos, alunos, professores, funcionários, diretores e a sociedade de forma geral, assim sendo, deve-se criar espaços de diálogos e reflexão sobre o tema, que sirvam como embasamento e estratégias para combater, minimizar e principalmente prevenir a violência no âmbito escolar

2.4 AS CONTRIBUIÇÕES DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NO COMBATE A VIOLÊNCIA ESCOLAR

A política pública é “ação que nasce do contexto social, mas que passa pela esfera estatal com uma decisão de intervenção pública numa realidade social determinada, que seja ela econômica ou social” (BONETI, 2003, p.19- 20). Para a autora Rua (1998), políticas públicas são:

[...] conjunto de decisões e ações destinadas à resolução de problemas políticos. Essas decisões de ações envolvem atendimento político, compreendida esta com conjunto de procedimento formais e informais que expressam relações de poder e se destinam à resolução pacífica de conflitos quanto a bens públicos (RUA, 1998, p.731).

Desta forma, é necessário que haja uma solicitação para que os agentes públicos e sociais, busquem respostas às demandas apresentadas. Nos últimos anos, demandado a necessidade da mobilização de políticos, representantes da população agiram no encaminhamento de projetos de lei e políticas públicas que procurem garantir ações de combate e prevenção que objetivem diminuir a incidência de casos de violência escolar contra professores, bem como garantir um ambiente de trabalho favorável para os mesmos e também para os estudantes.

A análise da realidade escolar nos dias de hoje tem retratado condições de trabalho nada convenientes, pois apresentam infraestruturas comprometidas, com ambientes desconfortáveis, poucos recursos financeiros, limitações ou ausência de materiais didáticos-pedagógicos e tecnológicos, carência/ausência de profissionais do campo de apoio pedagógico, inércia de órgãos públicos e governamentais, dentre outras.

Há, também, indicativos referentes às condições estruturais da escola, como por exemplo defasagem de salário, falta de recursos didáticos, falta de interesse e de uma participação mais colaborativa dos pais dos alunos, ausência de profissionais no setor pedagógico, falta de material e ambiente para elaborar e/ou diversificar aulas, falta de iniciativa e de recursos financeiros vindos do estado e pouca valorização do trabalho do professor. Tudo isso está indubitavelmente correlacionado com a satisfação, com o comprometimento e com a qualidade do trabalho do docente, assim como a satisfação, a interação e a identificação do aluno com a escola e com o professor.

Ainda que as causas das violências sejam variadas, não se pode deixar de combatê-las. Os problemas de violências apresentados nas escolas são os mesmos em sua maioria, e para solucionar tal problema deve haver a busca coletiva de meios para que isso ocorra. São necessárias a presença e a participação efetiva de professores, funcionários, pais, alunos, de direção, da sociedade e do Estado nas discussões, buscando a solução destes problemas. De acordo com o Estatuto da criança e do adolescente no art 4º:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, **à educação**, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Partindo da perspectiva de que para solucionar o problema da violência na escola se deve ter um trabalho conjunto, se faz necessário a presença do poder público por meio da criação de políticas públicas voltadas para a redução da violência, capacitação dos professores, intermédio entre escola, comunidade e família e ainda o cuidado com o entorno das escolas.

Contudo, as principais reclamações dos professores são: a falta de interesse dos pais, a falta de valorização do professor, a falta de tempo em decorrência das cargas horárias excessivas de trabalho, a falta de infraestrutura e a falta de uma ação colaborativa e conjunta do governo junto à escola e aos professores. Tantas ausências produzem no docente e na escola a dificuldade em atender uma política educacional defasada e ao mesmo tempo atender às necessidades individuais de seus alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que se refere à violência nas escolas, percebe-se que este problema não está relacionado a um único fator, mas envolve questões sociais, abrangendo aspectos familiares, o contexto onde a escola está inserida e a atuação do poder público. Dessa forma, para tentar reverter essa situação de violência e a escola passar a ser um ambiente de uma boa convivência entre alunos, professores, diretores e pais, é necessário que haja toda uma participação dos próprios integrantes, bem como do Estado, que proporcione condições suficientes para que isso aconteça, por meio de políticas públicas.

Finalmente, vale ressaltar, que o contraponto estabelecido neste artigo entre a necessidade de concepção de leis e políticas públicas que apoiem aos professores, da reivindicação da presença da família no cotidiano escolar, da valorização dos professores pela sociedade e da adequação da escola aos dias de hoje, bem como sua modernização através da atualização cultural e pedagógica, não teve a intenção de vitimá-los. Através da observância dos fatos, relatos e estudos, buscou-se salientar a carência da valorização dos mesmos e da eminente desvalorização que vem sofrido pelo desconhecer ou pelo esquecimento da sociedade quanto ao importante papel que o professor desempenha.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. Cotidiano das escolas: entre violências, Brasília: UNESCO, Observatório de Violência, Ministério da Educação, 2005. 404 p.

_____, Violências nas escolas: versão resumida. Brasília: UNESCO, 2003.

Disponível em: <http://www.unesco.org.br/publicacoes/bibliotecavietural/index_html/mostra_documento>. Acesso em: 16 jul. 2015.

_____, Miriam; RUA, Maria das Graças. Violências nas escolas. 2. ed. Brasília-DF: UNESCO, 2002.

BONETI, Lindomar Wessler; PRIOTTO, Elis Palma. Violência Escolar: na escola, da escola e contra a escola. Revista Diálogo Educacional, v. 9, n. 26, p. 161-179, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2009.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional – Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF. 1996. Disponível em: http://www.pr.gov.br/portals/portal/institucional//def_salas_apoio.php) Acesso em 10 de jan. 2008.

CHRISPINO, Álvaro. Mediação de conflitos. Revista do Professor. Porto Alegre, ano XX, n. 79, p. 45-48, jul/set. 2002.

CORTELLA, M. S. Qual é a tua obra? Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética. Petrópolis: Vozes, 2009.

CURY, Augusto. Pais brilhantes, professores fascinantes. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DAHLBERG, Linda L., KRUG, Etienne G. Violência: um problema global de saúde pública. Relatório Mundial sobre Violência e Saúde. OMS, Organização Mundial de Saúde. 24

MICHAELIS, Dicionário Prático de Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2008.

MINAYO, M. C. S. Social Violence from a Public Health Perspective. Cad. Saúde Públ. Rio de Janeiro, 10 (supplement 1): 07-18, 1994.

NUNES, M. F. R; ABRAMOVAY, M. Escolas inovadoras: experiências bem-sucedidas em escolas públicas. Brasília: Unesco; Fundação W. K. Kellogg; Unirio, 2003

PEREIRA, Luiza. Os professores como profissão de risco. Coimbra: Educare, 2000, p. 05. Disponível em: <http://www4.fe.uc.pt/fontes/trabalhos/2008022.pdf>. Acesso em 25 jul. 2015.

SILVA, Eduardo: o direito de família entre a Constituição e o Código Civil. In: MARTINS-COSTA, Judith. A reconstrução do direito privado: reflexos dos princípios, diretrizes e direitos fundamentais constitucionais no direito privado. São Paulo: Revista dos Tribunais, 20. A dignidade da pessoa humana e a comunhão plena de vida 02.